Número 317 — Guimarães, 12 de Abril de 1931 — Ano 6.º (3.ª fase)

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor: ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Emprêsa de A VELHA GUARDA

Director: VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranense: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

## A nossa resposta

Ainda a propósito da romagem ao túmulo do falecido Deputado da República, Cónego José Maria Gomes, vamos revolver o rescaldo daquelas horas solenes de ardorosa fé. Sugeriu-nos a ideia o *nosso colega* «O Comércio de Guimarães».

Diremos prèviamente que temos por êste colega uma consideração equitativa, uma consideração que nos vem merecendo a sua correcção natural.

Admitimos-lhe o seu monarquismo porque somos partidários da liberdade de pensamento. Tôdas as opiniões, venham elas de onde vierem, seja qual fôr a bôca que as formule, que as propague, nos merecem certo respeito... se há nelas um poucochinho de convicção.

Está nêste caso o «Comércio de Guimarães».

Num dos seus últimos números, porém, notamos com desgôsto *que alguém, armado em especto*, se entrincheirou num dos seus cantos para despejar uma série de tolices sôbre o significado daquela romagem.

Nós aborrecemos as questiunculas estéreis da pequena imprensa. Mas não podemos ficar mudos e quedos ante o arremesso de tanta pedrada.

Em primeiro lugar — e para castigar o triste arrasoado que o colega transcreve de «A Voz» — os liberais de Guimarães têm a noção perfeita do que fazem. Não vão aconselhar-se ao Vaticano nem requisitam bençãos dos tonsurados. Não são tão ignorantes como os julga a alma tôrva de Nemo.

E tanto assim é que até vamos dar uma lição ao pontífice dos esbirros negros.

João de Freitas não foi assassinado pelos democráticos. O caso passou-se, no Entroncamento, de uma forma diversa. João de Freitas é que, por motivos políticos, alvejou a tiro o grande português João Chagas, que ficou privado do uso de um dos seus olhos. O resto pertenceu ao povo e soldados da guarda fiscal que não toleraram o atentado. Desfecharam sôbre João de Freitas, figura que — fora do Parlamento, onde foi aliás muito fogosa — era apagada no meio popular.

Os democráticos não assassinaram nem mandaram assassinar.

*

... E o sr. Dr. Afonso Costa *tinha pelo Cónego José Maria Gomes um grande respeito*. E explica-se essa atitude: *é que José Maria Gomes era um padre*, — **convicto e expontaneamente republicano** —, e foi também Parlamentar sem mêdo da reacção.

Era um homem de bem e um espírito cultíssimo.

Não há — como o quere insinuar o famigerado Nemo — a má fé nos nossos intuitos.

Os liberais de Guimarães são, como os de todo o País, homens que muito amam a República, que se vêm mantendo firmes na sua posição de intransigência.

Tomam as responsabilidades de todos os seus actos.

Aí está, succintamente, o que temos a dizer a Nemo.

E ao «Comércio de Guimarães» lamentamos a triste lembrança de apoucar a romagem feita pelos nossos estudantes republicanos ao túmulo do saüdoso professor.

Lamentamos... porque o temos em certa consideração, *apesar de monárquico*.

Não queremos questiunculas, repetimos.

Faremos tudo para evitá-las.

Não sofremos, porém, de braços cruzados, que os bonzos deturpem a lhaneza dos factos para formar opiniões equívocas.

Aí fica.

X. X. X.

# A NOSSA ATITUDE

Nós detestamos um certo número de *meios têrmos*. A nossa intransigência é — em presença de ocorrências tais — inacessível a todos os fraquejos. Não significa, de modo algum, hostilidade contra o estatuído das coisas.

Significa apenas reprovação.

Defendemos com veemência as situações claras. Na nossa alma não pode haver ocasos. A penumbra asfixiar-nos-hia.

Porisso nos achamos aqui, empenhados em rija luta, contra *o poder das trevas*. De há muito que o fazemos voluntáriamente. Somos mensageiros da Verdade e arautos da Justiça.

Soldados da Democracia!

E' assim que interpretamos os nossos sentimentos. Jamais nos arreceamos dos vultos negros que giram à nossa volta no intuito sinistro de ferir-nos. A cada premeditação respondemos com um desafio escancarado e franco. O nosso lema, que palpita e se agita rubro de aureo esplendor, é: *Republica e Democracia*. Temos o direito de defender aquilo que nos é mais caro. Bem sabemos a velha cantilena que se escôa da sombra: *a República não periga*.

Não periga! Não periga!

Mas o Ideal Sagrado, que se arraigou profundamente no coração plebeu, que arrastou infindáveis multidões ao sacrificio da vida — mercê do esfôrço heroico de tantos e tão ignorados apóstolos — carece da perpetuidade do seu prestígio.

E aqueles que afoitamente o dizem livre de perigos são os que, todos os dias, a tôda a hora, a todo o momento, lhe apagam as mais vivas características.

Atraiçoam a vontade do Exército e pretendem impingir-nos *uma república horrível*...

Mas o Exército está com a República Verdadeira e Sã. E nós, usando dos atributos de cidadãos livres, pronunciar-nos-hemos neste libelo tormentoso. A reacção não nára na sua rôta tortuosa e traiçoeira. Caminha sempre disfarçada e cautelosa. Não perde o ensejo de penetrar em todos os recessos que, lògicamente, lhe estão vedados. De quando em vez, faz scintilar o punhal para abater um estôrvo.

Aproveita-se das nossas liberdades para os seus inconfessáveis fins. Trabalha subterrâneamente nêsses momentos de tolerância. Nos momentos de folga codilha-nos e rouba-nos os direitos que usufruímos em face dos Princípios Democráticos.

*Porque é parva*, quando surge uma situação ditatorial, impa de triunfo e parece assassinar-nos com o olhar.

Como se tudo isto fôsse dela!

Como se a República não vigorasse ainda em Portugal!

Como se o Exército e a Armada da República não estivessem, tal qual nós estamos, de atalaia!

*Porque é parva*, a reacção delira de estrepitosa alegria em certas horas de alucinação. Ferve em pouca água porque desperta quási sempre à bôca de um abismoso precipício.

Nós detestamos os falsos servidores de um ideal. Não podemos ouvi-los sem prèviamente nos desinfectarmos. Temos por confessos inimigos o respeito que a lealdade nos impõe. Pelos outros, *os que são por nós e contra nós*, temos apenas nojo.

Temos apenas nojo!

A Democracia não carece dêles para triunfar. Não recebeu dêles a mínima parcela de sacrifício. Não espera dêles o menor esfôrço.

Mas a Democracia triunfará, não obstante. Vê-se — pelo desenrolar dos factos — que êstes indivíduos são meramente inúteis para enfileirar ao lado dos Liberais. Evaporam-se na hora do perigo!

A nossa atitude é, pois, de insubmissa intransigência. Não pactuamos com os "*nemos*„ nem com os maus servidores da Democracia. Somos apologistas das situações claras, verdadeiras, definidas.

Em nosso entender não há *bons nem maus Republicanos*. Há sòmente: *Republicanos*. Quem fôr *mau Republicano* pertence ao reaccionarismo que — diga-se de passagem — tem lá de tudo.

Já lá vai o tempo dos disfarces. Hoje — que uma onda de Verdade e de Justiça se espalha pelo mundo fora — acelaram-se os acontecimentos vertiginosamente sem dar tempo a composturas. Os "*falsos*„ projectam-se na sua própria hediondez. Rastejam. Esvurmam. Vomitam.

A Democracia patenteia-se ao homem como o produto da sua maior conquista, o edifício sôbre que dispendeu maior energia, a sua fúlvida glória, o seu lídimo orgulho. Atentar contra ela é atentar contra o homem, contra a sociedade, contra a vida colectiva.

Porventura não pensam assim tantos dos que *inquisitorialmente* nos lêm. E contudo — por mais tratos que dêmos ao cocoruto — não podemos conceber as coisas de outra forma. O raciocínio não nos ajuda.

E' bem triste!

Socegue o ultramontano, o esbirro negro e o lanceiro de "*dom nuno*„ que a hora do passamento não tarda.

A história repete-se...

*H. Belém.*

## Será verdade?

O sr. Tesoureiro da Fazenda Pública, dêste concelho, sr. José Adão Pereira da Silva, é aquele a quem nos temos referido nas locais precedentes, encimadas da mesma epígrafe de que hoje nos servimos. Ficam, assim, esclarecidas quaisquer dúvidas sôbre a idoneidade do chefe de Repartição que está na *berlinda*...

E' o referido Tesoureiro a pessoa à qual atribuímos pouco escrúpulo e pouca honestidade, visto que, conforme nos informam, *desvia* ao seu pessoal auxiliar uma parte dos proventos a que êste tem direito, facto que não é sòmente do nosso conhecimento. Mais alguém o sabe, e mais alguém o provará na ocasião oportuna.

Todavia, se assim não fôr, o sr. Tesoureiro que use dos seus meios, principiando por informar a opinião pública do quanto paga ao pessoal da sua Repartição, com a informação prévia, que também é indispensável, do quanto recebe do Estado para o mesmo efeito. O silêncio de sua ex.ª quanto a esta parte.

Relativamente a outras irregularidades, das quais igualmente falaremos, desde já podemos informar os nossos leitores de que elas são a demonstração clara de que o sr. Tesoureiro é um funcionário que não tem o direito de estar à frente de uma Repartição do Estado. A seu tempo, se fará a devida luz, e então, nessa altura, se provará, quer por meio da Imprensa, quer por meio do Tribunal, tudo aquilo que disser respeito à vida profissional dêste funcionário, não obstante possuír, segundo diz, *bons atestados de bons serviços*. O sudário é tão grande, que nós não receamos o triunfo da verdade, apesar das traições que hão-de aparecer, mesmo daqueles que têm sido vítimas do seu procedimento.

A ver vamos.

## Legionários?

Cochicham-nos ao ouvido que existem alguns destes *cavalheiros... de indústria* na cidade de Gil Vicente. Que estão filiados na «*maçonaria branca*».

Que defendem o «*integralismo lusitano*». Que fazem muitas coisas mais.

Ora bolas! Estes pobres diabos já esqueceram a carta do snr. general Domingos de Oliveira quando os mandou pentear macacos para a India.

Têm muita falta de ideias palpitantes. Porque podiam ser outra coisa qualquer e... há muita míngua de gente na lavoura. Cumpriam uma bela tradição do *integralismo* e não andavam por aí a provocar-nos o riso.

Prometemos-lhes um lindo funeral.

Este número foi visado pela comissão de censura

# Em Santo Estevão de Urgeses

## Inaugurou-se a Escola Primária "Francisco dos Santos Guimarães" com desusada pompa

Desejavamos ser resumidos nesta reportagem. Mas o brilho, de que foi revestida tôda aquela encantadora festa, surpreendeu-nos quando menos o esperavamos. Faremos uma corrida a todos os seus interessantes pormenores.

Representando o Govêrno Civil, chegou a Guimarães, por volta das 11 e meia horas, o sr. Capitão Pôças, que se fazia acompanhar de outras entidades oficiais: Inspector Escolar sr. Augusto Gomes de Oliveira, o sr. Major Pereira Castilho, etc.

Eram aguardados por várias individualidades desta terra e Imprensa. Trocadas as primeiras impressões, lá fomos de caminhada até Santo Estevão de Urgezes, onde a recepção tomou bizarro colorido. A banda da Oficina de S. José executou prodigamente a Portuguesa e estralejaram várias girândolas. As criancinhas das Escolas, acompanhadas de algumas gentis senhoras, despejaram flôres a jorros sôbre os recem-chegados. Soltaram algumas pombas. Entoavam lindas canções e o Hino da Pátria. Muita, muitíssima assistência que desejava animar a encantadora festa. Entramos no Edifício. Ficamos enternecidos com o que vimos.

De facto, não podem haver duas opiniões sôbre isto.

Há ali, a par do aconchego familiar daquela casa, um tanto majestosa, todo o material didático indispensável ao bom aproveitamento dos alunos. Salas amplas e bem inundadas de luz e ar, espaçosos recreios e um for[illegible] numa dessas arejadas salas.

Logo de entrada, o nosso correligionário e amigo e distinto colaborador, sr. Mário Menezes — porque, sendo da família da inesquecível Senhora D. Maria Felicidade dos Santos Simões, foi um bom pedaço da alma que acarinhou incansàvelmente tão elevado feito — convidou o sr. Capitão Pôças, após um breve discurso, para presidir à sessão. Foi êste secretariado pelos srs. Augusto Gomes de Oliveira, Inspector do Circulo Escolar, e Coronel Amaral, Vice-presidente da C. A. C. M.

Reparamos então que, entre as várias entidades de Guimarães que ali se dirigiram, se encontravam os srs. Dr. Eduardo de Almeida, ilustre representante da Sociedade Martins Sarmento, Bernardino Jordão, categorizado membro da nossa Comissão Política do P. R. P., A. L. de Carvalho, da Junta Geral do Distrito, Padre Gaspar Roriz, Capitão Luís de Pina, Administrador do concelho, etc., etc.

Vários professores e professoras de ensino primário e secundário. Uma assistência, como já dissemos, numerosíssima.

O sr. Capitão Pôças fêz uma breve alocução sôbre ensino, que diz ser o produtor das sociedades perfeitas do futuro. Foi muito aplaudido.

Seguiu-se-lhe o sr. Augusto Gomes de Oliveira que leu um discurso-estudo. Apesar de extenso, transcrevêmo-lo integralmente para o professorado primário:

Todos os seres animados, mesmo os de rudimentar constituição, têm na vida a sua finalidade e da vida seguem seu curso a essa finalidade obediente.

O homem que se considera o ente mais perfeito da Natureza não foge a esta lei geral e, mesmo quando se julga espiritualmente liberto das peias que sôbre êle exercem predomínio, não passa isso de uma quimera, de uma consoladora ilusão.

Por mais independente que o homem se julgue e por mais alta que considere a sua hierarquia, êle é sempre dominado por um pensamento que o conduz e guia para um determinado fim que, muitas vezes, quantas vezes, nunca chega a consumar-se, no seu objectivo dominante.

Grande foi Napoleão e nunca chegou a ver realizado o seu sonho de predomínio mundial.

Sábios foram Pasteur, Kock, Newton e Kant e nunca conseguiram atingir o limite da sabedoria porque esta é incomensurável e insondável, como incomensurável e insondável é o infinito.

Esta lei de dependência do nosso espírito, do nosso pensamento a determinado fim, torna-se, em psicologia social, colectiva, se a aplicarmos à comunidade, à nação.

O indivíduo deve procurar seguir um caminho que o conduza ao bem estar. A nação tem a mesma finalidade sob o ponto de vista colectivo.

O bem estar das nações traduz-se pela palavra «progresso» e êste pelo conjunto de valores morais e materiais capazes de fazer feliz a comunidade.

Está demonstrado, meus senhores, que é a instrução o elemento de acção directa que mais contribui para o progresso dos povos.

Sem ela o homem estaria ainda no seu estado primitivo, seria o homem da caverna, o homem lacustre, o homem do silex.

Foi pela instrução que êle conquistou, atravez dos séculos, o seu relativo bem estar, e, se não atingiu ainda a meta das suas aspirações, para ela caminha evolutivamente à medida que o seu grau de instrução avança.

E' em face do reconhecimento desta verdade que tôdas as nações do mundo estão intensificando cada vez mais o seu ensino não se contentando já em ministrar às massas populares uma instrução elementar apenas, mas, também, uma preparação técnica que lhes garanta na vida prática o seu triúnfo.

Portugal parece ter, também, acordado do seu letargo e, convencido de que [illegible] dente no concêrto político europeu, já alguma coisa fez e está fazendo no sentido de tornar êste país digno do nome que lhe legaram os nossos antepassados.

No que respeita a instrução popular que é a que mais necessita de urgentes providências já iniciou as suas reformas, começando pela organização dos serviços de fiscalização e administração técnica do ensino. E, embora insuficiente no número dos seus agentes, as Regiões Escolares tão malsinadas pelos derrotistas e descontentes, produziram já os seus frutos benéficos traduzidos na verdade irrefutável dos números.

E' tempo de se falar e alguma coisa é preciso dizer-se ao público para que saiba o que havia antes dessas Regiões e o que agora há, apesar da sua recente criação e dos precários meios de que dispõe para desenvolvimento da sua acção.

Dantes havia no distrito 5 círculos escolares com 17 funcionários para os serviços da instrução primária. Pela nova organização foi êsse número reduzido a 8, ou sejam: menos 50 por cento.

Qual o estado da instrução popular nêste populoso distrito à data da criação das Regiões Escolares? Não se sabe, porque dos arquivos existentes dos extintos círculos só um deixou a estatística que lhe dizia respeito nos processos do seu inventário.

Hoje, porém, já alguma coisa se sabe, graças à malsinada Região que funcionando com uma média de 5 funcionários apenas, conseguiu em 2 anos mais do que os 5 círculos em 30.

Em 1928, nem ao menos se conhecia no distrito o elemento básico em que tem de assentar a organização do ensino primário, isto é, o recenseamento escolar sem o qual não é possível determinar o número de professores e de escolas que precisamos em relação aos existentes.

Pois hoje, graças à acção da Região, está elaborado o recenseamento de tôdas as crianças do distrito, o número de escolas, de professores, sabemos o que temos e o que nos falta para a extinção do cancro do analfabetismo. Por um trabalho intenso e paciente de conjugação de números, verificamos que existem na Região ou distrito de Braga 44.138 crianças em idade escolar; que dêsse elevado número apenas 25.780 freqüentaram a escola no último ano lectivo, ficando, portanto, sem instrução 18.460, mas graças a acertadas providências dimanadas da Região Escolar, êste elevado número baixou já, no corrente ano lectivo para 13.000, visto que nêste ano escolar a estatística acusa já uma freqüência de 5.400 alunos mais do que no ano anterior.

Dos 25.480 alunos que freqüentaram as escolas, apenas 11.901 tiveram aproveitamento, o que dá uma cifra de menos de 50 por cento. Este ensino foi ministrado por 620 professores oficiais e 23 particulares inscritos.

Em face dos números, estamos habilitados a concluir que, melhorando-se as condições económicas do professor, por forma que êste possa viver exclusivamente para a escola; melhorando-se as condições pedagógicas e materiais desta; aposentando os professores que pela sua avançada idade já não podem produzir o que pedagògicamente está determinado e intensificando-se a orientação e fiscalização do ensino, com mais 325 professores, o nosso distrito fica habilitado a extinguir o analfabetismo.

Para isso temos ainda de contar com os meios auxiliares da escola e que são as instituíções circum-escolares. Também a região se não esqueceu de activar o seu desenvolvimento.

Assim, ao criar-se a Região, eu verifiquei que apenas dois dos extintos círculos tinham cuidado da fundação das caixas escolares, instituíções de um grande alcance de mutualidade infantil. Tratamos logo de impulsionar o seu desenvolvimento e já hoje podemos contar mais de 300 «caixas» em todo o distrito, tendo movimentado no último ano escolar, com as cantinas, 116.760$00, a favor das criancinhas pobres.

Foram criadas 60 escolas, algumas das quais já se encontram a funcionar, organizados processos de aposentação que se achavam inconclusos, liquidado serviço de professores que há dois anos não recebiam as suas notas de serviço e, finalmente, melhorados todos os trabalhos de administração técnica que da Inspecção Escolar dependem.

E é, ainda, devido à acção da mesma Inspecção que hoje aqui todos nos encontramos a prestar homenagem àqueles que num belo sentimento de altruismo sabem pôr ao serviço da instrução popular a sua alma generosa e boa.

Desculpem V. Ex.as estas inoportunas considerações, mas há necessidade absoluta de se opôr a verdade à mentira, sobretudo quando ela parte de creaturas mal intencionadas que, para conseguirem [illegible] quando eles são os menos legítimos e honestos.

Ex.mos Srs.

Eu tenho assistido a muitas e encantadoras festas, mas, devo confessar-lhes que nunca assisti a nenhuma com tanta satisfação, com tanto prazer espiritual como a esta, que aqui está decorrendo. E' que, neste belo templo da instrução hoje aqui inaugurado, a par do dispêndio, das canseiras e trabalho dos que contribuiram para a sua edificação, também está uma parcela da minha alma, que seguiu ansiosa tôdas as fases por que passou, desde o seu inicio à sua conclusão. As razões que me levaram a seguir tão de perto esta belissima obra são tôdas de ordem moral. Tratava-se de homenagiar a obra de um benemérito já falecido. Como educador era dever meu facilitar, animar e incitar a benemérita a que consumasse o seu generoso acto.

O edificio surgiu, alegre como o sol, ladeado de árvores e de jardim. E a sua razão de ser encontra-se altaneira, simbólica enunciadora, no belo frontal do edificio, lembrando um nome que foi alguem: «Francisco dos Santos Guimarães».

Tôda a gente dêste concelho e arredores, sem falar nos seus irmãos de trabalho que com êle compartilharam longe, bem longe, da saudade da Pátria, conheceu o saudoso Francisco Guimarães pelos seus actos de bondade e de benemerência e, sôbre tudo, pelo amor e carinho que dedicava à causa da instrução dos pequeninos.

Tendo feito a sua auto-educação, êle sabia que é pela instrução e pelo trabalho que os povos são felizes. Por isso êle fez pela escola todo o bem que pôde.

Ilustrado, rico e bom, êle mesmo teria mandado construir esta escola se a morte cruel e inesperada o não viesse surpreender.

Com o seu desaparecimento, pareceu-nos, à primeira vista, que a escola dos seus sonhos não mais seria construida.

Assim não aconteceu porque a semente da generosidade quando é lançada ao seio da humanidade por corações bem formados como o de Francisco dos Santos Guimarães, germina, desenvolve se e produz o fruto consolador da virtude.

Por isso, a sua alma não desapareceu com êle porque aqui junto de nós ficou a continuar a sua obra outra alma generosa e boa, modêlo da irmã, que, com um coração insaciável de bem-fazer, soube, no mais belo gesto de amor fraternal, perpectuar o nome de seu irmão querido na obra que êle mais ardentemente ambicionava: a sua «Escola»

Assim, os nomes de Francisco dos Santos Guimarães e de sua Ex.ma irmã D. Maria Felicidade dos Santos Simões perpectuar-se-hão nesta obra meritória atravez dos tempos e mais do que isso, no nosso coração e no das gerações futuras que passando pelos bancos desta belissima escola hão-de sempre abençoar o coração generoso de D. Maria Simões.

Os professores, que dentro dêste novo templo tem de exercer o sacerdócio do ensino, têm a sua missão aplanada. Para bem ensinar bastará que façam com que as crianças sigam na vida o exemplo de Francisco Guimarães e moldar-lhes o coração pelo de D. Maria Simões, formando-lhes assim o mais acrisolado e bendito dos sentimentos.

E agora, duas palavras apenas para um amigo querido, dos mais sinceros e leais que na minha vida tenho encontrado e que foi a alma que agitou, que impulsionou tôda esta obra com a dedicação e carinho que sempre revela nos trabalhos de que é incumbido. Essas duas palavras singelas, mas sentidas, são para o meu querido amigo Mário Menezes que, servindo de intermediário entre mim e D. Maria Simões, êle fez com que, a benemérita não olhando a despesas, a escola surgisse grandiosa e bela, como Francisco dos Santos Guimarães a tinha idealizado. Para si, pois, meu caro Mário Menezes, o meu abraço de reconhecimento e gratidão.

Para a Ex.ma Snr.a D. Maria Simões, que nesta obra manifestou possuir o mais puro dos sentimentos e no mais elevado grau o seu amor fraternal, em nome das criancinhas desta formosa aldeia que vão aproveitar-se da obra meritória de V. Ex.a, os meus agradecimentos e a minha gratidão.

Foi muito ovacionado.

O sr. Coronel Amaral leu também uma breve saüdação à obra da veneranda Senhora D. Maria Felicidade dos Santos Simões.

E' a vez de nos referirmos à professora D. Maria Cesarina de Sousa, escolhida pela doadora Santos Guimarães. O seu discurso impressionou-nos. E, por o acharmos formoso, também o transcrevemos. «A Velha Guarda» pertence, no seu n.º 317, ao professorado. Dedicamos-lhe a maior parte dela.

Transcrevemos o discurso da senhora D. Maria Cesarina de Sousa:

Senhor Presidente, minhas Senhoras e meus Senhores: — E' meu dever saüdar em primeiro lugar a bondosa, generosa e veneranda Senhora D. Maria Felicidade dos Santos Simões, que tão grande esmola faz a esta freguesia com o oferecimento e doação dêste majestoso edifício escolar.

Saúdo a seguir o Ex.mo Inspector-Chefe desta Região, meu digno superior hierárquico, e sua Ex.ma Espôsa, minha bondosa e distinta professora, protestando a ambos a minha indelével gratidão pelos carinhosos cuidados e generosa benevolência que sempre me dispensaram, quer durante o meu curso, quer depois de findo êle; e saúdo igualmente o outro Senhor Inspector, também meu digno superior hierárquico.

Saúdo, finalmente, tôdas as Senhoras e Cavalheiros presentes, e em especial o Ex.mo Senhor Mário de Sousa Meneses e sua Ex.ma Espôsa, protestando-lhes da mesma forma o meu eterno reconhecimento pelas atenções e finezas que me teem dispensado.

Senhor Presidente, minhas Senhoras e meus Senhores: — Li em algures que, quando se abre uma escola, se fecha uma cadeia!

E, na verdade, assim deve ser, pois que a maior parte dos crimes e êrros da vida se devem à ignorância e falta de educação. Ora, a principal função da escola é moralizar, educar.

Educar é corrigir defeitos, é aperfeiçoar, incitar e desenvolver para o Bem os bons sentimentos, para o amor da Humanidade, para o amor da Pátria, para o amor da Família, para o amor, em suma, de quanto é vivo e de quanto é belo: é formar o carácter das crianças, é fortalecer-lhes o nobre e augusto sentimento da Bondade!

A Bondade tudo cativa, comove a todos, aplana tôdas as dificuldades, vence todos os obstáculos! E' o maior dos argumentos!

Os sábios e os ricos que não forem bondosos, serão odiados. E' ver como veneramos ainda a grata, memória de D. Duarte e de D. Pedro V! E o que se impuzeram pela sua bondade, especialmente o último.

Por isso, cultivarei e desenvolverei nas crianças o delicado sentimento da bondade, ensinando-as a serem honestas, agradecidas, caritativas; a seguir o exemplo nobre e altruista da Ex.ma Senhora D. Maria Felicidade dos Santos Simões, cuja alma cheia de bondade e amor do próximo, se manifesta, não só no generoso oferecimento dêste modelar edifício, mas também em todos os actos da sua vida exemplar de virtudes cívicas e domésticas. A esta veneranda Senhora fica devendo esta freguesia um dos maiores benefícios — o funcionamento desta escola, criada em 1911, sem poder funcionar, há vinte anos, por falta de casa! E à sua bondade e grande generosidade devo eu a minha colocação aqui, quási na cidade, pois embora o meu diploma me facilitasse a colocação definitiva, teria de ir para uma aldeia distante, afastando-me de minha Madrinha, quando a minha maior aspiração é viver na sua companhia querida.

Minha bondosíssima e nobre Senhora, não esquecerei nunca o quanto lhe devo!

E foi para êste magnífico edificio, com esta esplêndida mobilia e tanto material didático, que foi escolhido o meu humilde nome! Como compensação dêste grande favor só posso prometer o meu maior esfôrço, tôda a minha dedicação em favor da escola, pôr em prática os conselhos e regras pedagógicas que me fôram dadas pelos meus distintos professores, educando pelo exemplo e pelos processos modernos, procurando alegrar o espírito das crianças, a fim de melhor lhes poder formar o coração e o carácter; e instruindo-as quanto possa, procurando desenvolver-lhes o entendimento.

Oxalá a minha saude me permita cumprir o que prometo, por que vontade me não faltará.

Pela minha humildade e falta de prática e ainda porque julgo que valem mais factos do que palavras, não posso corresponder à grandiosidade desta festa tão solene! Por isso termino protestando mais uma vez a minha eterna [illegible] com a sua escolha e seu Ex.mo Filho e Ex.mos sobrinhos D. Maria da Natividade Simões e seu Marido, que muito para ela concorreram.

Julgo ainda do meu dever recordar aqui o nome querido e venerado, do que se chamou Francisco dos Santos Guimarães, que foi um grande benemérito da Instrução e que muito tem beneficiado a escola já existente nesta freguesia, por meio dum legado administrado pela benemérita Sociedade Martins Sarmento. Mais do que eu poderia dizer àcêrca dêste prestante e honrado cidadão, disse o jornal «A Velha Guarda» de 20 de Março findo, fazendo justiça a êste notável homem de bem, exaltando-lhe as qualidades de carácter, invulgar inteligência e de infatigável trabalho.

Habitantes de Urgezes, dizei comigo: Viva a nossa benfeitora.

Muito aplaudida.

O nosso dedicado amigo e distinto colaborador, sr. Jerónimo Ferreira Botelho — professor de uma rara probidade intelectual e pedagógica — é forçosamente um espírito elevado. Nós admiramo-lo na sua modéstia. Fêz uma *lição-discurso* que muito nos deliciou.

Ei-la:

Ex.ma Senhora D. Maria Simões;
Senhor Presidente;
Ilustres Inspectores;
Ex.mas Mesa;
Minhas Senhoras: e criancinhas:

O que passo a ler não será muito protocolar; reveste, todavia, uma necessidade e envolve-se em justificações e pontos de contacto na idealização; alguma coisa que tenho assimilado da sua vida de professor distinto, de perfeito cidadão e de modelar chefe de família; certa semelhança de pensamentos àcêrca de fenómenos desenrolados no ambiente do professorado e identicidade de sentimentos com o meu

MERCEARIA E CONFEITARIA

Braga & Carvalho, L.da (Antiga Casa Barroso) GUIMARÃES

Participa que está a receber todos os dias o afamado PÃO DE LÓ DE MARGARIDE, de Leonor Rosa da Silva, Sucs.—Em depósito, sortido completo em amêndoas nacionais e estrangeiras, avulsas e em caixas de fantasia, e outros artigos próprios para Brindes da Páscoa.

grande e sincero amigo Mário de Sousa Menezes, convenceram-me de que a Sua Ex.ª não era importuna a minha aproximação, que, num curto lapso de tempo, amàvelmente foi transformada em intimidade com o que sobremaneira me honro e orgulho.

Recordo sem ostentação, mas com muito prazer, o facto de ter colaborado com a minguada competência de que disponho no apetrechamento da Escola que ora se inaugura.

As circunstâncias referidas canalizaram-me para o grémio dos convidados da ilustre benemérita, Ex.ma Snr.ª D. Maria Simões, para assistirem à inauguração da escola que ofereceu generosamente ao Estado.

*

Meus Senhores: recordo a fórmula adoptada por um grande pensamento, lídimo carácter, alma sã de patriota, coração pulsando alegremente no seio da petizada e sincero entusiasta da Escola primária publica, já no numero dos mortos: — abrir uma escola é fechar uma cadeia —.

Frase retumbante. Ecoou naquele tempo nos quatro ângulos do país. Mas a Escola — criação de António José de Almeida provocou a erupção de escolas a cingir a necessária Escola Primária bem Portuguesa e bem do seu tempo.

Acrescentemos-lhe a penuria herdade de um regime deposto e assim condicionaremos a transigência manifestada na sua expressão desalentadora: não se vai de um jacto ao fundo das coisas.

De lamentar foi, porém, que a Republica naquela emergência não atacasse pràticamente até ao âmago o problema da Instrução popular, como tão magistralmente foi tratado no Decreto de 1911.

Não é pèssimismo.

Tôda a Nação, a Pátria inteira se ressente do autêntico abandono a que tem sido votada a Escola Primária.

Abandonemos tibiezas e não tomemos atitudes de dubia interpretação: é numa Escola primária que um professor deve exalçar a verdade, como num altar o pastor das almas, como na tribuna de julgador um juiz.

O professor agita sempre com sincera satisfação, em ordem a torná-lo bem patente, o que a Republica já fez em beneficio da instrução popular e que a coloca num plano bem superior ao regime monárquico que a ia asfixiando; mas não pode ocultar que de quando em vez a aura de brilho da escola, a auréola de amor e carinho pela infância portuguêsa, se quasi eclipsam.

Mas a nossa Fé é grande e tem roçado pelo estoicismo.

bre as ruinas em que tem vivido. Se à enorme actividade desenvolvida no tempo da propaganda, correspondesse uma energia inquebrantável perante tôdas as objecções e até opiniões de ordem financeira, a Escola Primária — fonte onde os povos vão aurir a seiva da sua vida económica e de uma melhor vida social — ocuparia há muito o pedestal a que a têem alcandorado os homens que por ela estivam o indice da sua civilização.

E não mais conseguiriam apeá-la, porque os seus professores numa maioria impressionante a ampararíam.

Essa energia há-de surgir das lições que esta Pátria tão encantadora e tão bela tem sofrido.

Tem-se produzido pouco — dizem, é verdadeiro. Mas verdadeiro é também que é desamparado, aberto das mãos de quem conhece desta organização e daquêles que nem sequer sabem sentir a ausência do saber.

Já lemos um comentário de um estranho: não admira que a obra seja de reduzidas proporções; o que se estranha é que em circunstâncias destas alguma coisa de bom se tenha feito. Perdoemnos esta pontinha de vaidade.

A renovação há-de fazer-se.

O povo português é composto também de almas generosas, corações bondosos!

Acontecimentos como o de hoje o demonstram além de patentearem que engrossa a corrente dos que crêem que o homem vale, sobretudo, pela educação que possui.

Na verdade só a educação é capaz de desenvolver harmònicamente as faculdades do homem em ordem a atingirem a máxima potencialidade de proveito próprio e da colectividade.

Reveste em tôda a vida humana um certo automatismo, confiando o homem adulto a si próprio a função de educar-se; porém a infância carece de um guia, sendo-o inicialmente a mãe e de seguida, simultâneamente a familia e o professor.

Inaugurar mais uma escola é pois um acto importantissimo: representa um farol a mais a irradiar luz sôbre a treva em que ainda uma enorme massa de povo vive imersa; representa ainda mais uma ampliação de carinho em que se preparará uma sociedade melhor.

Educar a sociedade é acelerar a sua marcha na senda do progresso, é transformá-la num liame de valores entendidos, é conjugar tôdas as fôrças individuais, após o seu pleno desenvolvimento; é ainda torná-la constituida por cidadãos.

São os cidadãos a matéria prima de qualquer Pátria. Ora, meus senhores, proclamemos, bem alto embora, a nossa consciência colectiva; mas curvemo-nos ante esta verdade: «só ressurgirá um Portugal altivo e forte, na altura em que por todos os recantos deste País maravilhoso labore uma colmeia humana, trabalhadora e pacifica, no equilibrio conjugal da fôrça dos seus musculos, da ceiva do seu cérebro e dos preceitos da sua moral».

Ilustres e distintos colegas:

Relevai duas palavras ao mais modesto dos vossos irmãos de trabalho.

Já não sois neófitas na vida honrosa, só pelo significado que encerra, da instrução educativa; as provas já estão dadas e muito distintamente.

— E «nos preceitos da sua moral» — disse eu ainda agora. O assunto é escabroso um pouco. Consola-me, entanto, o facto de me ver em presença de sabedores desempoeirados; e, se a escassez de recursos intelectuais me não anima, confio todavia que me reconhecerão correcção e sinceridade.

A Republica ao passo que admitia a diversidade de credos e religiões o seu exercicio não podia nem devia subtrair-se ao dever de vigiar a infância e arredá-la de influências nada consentâneas com a indole das sociedades do nosso tempo e lesivas dos direitos que sôbre ela devem usofruir.

E assim diligenciou libertá-la dessas influências e a nós professores impende a obrigação social de consolidar a realização dêsse pensamento, emancipando-a difinitivamente de qualquer dogma discutivel quer sob o ponto de vista religioso quer sob o ponto de vista scientifico; e assim o seu espirito florescerá numa autonomia regrada, autonomia que constitue a grande fôrça das civilizações.

E' um pouco contra hábitos muito em voga, não é dificil porém: façamos consistir a cupula da educação infantil no desenvolvimento do carácter pelo exercicio permanente da vontade.

A alma da Pátria republicana tem de ser formada na Escola primária popular — verdadeiro laboratório da educação infantil.

O elemento basilar da educação foi e continuará a ser a instrução. Sem esta, a educação ficará sempre dificiente, por carência de equilibrio no seu mais alto significado; e seria mesmo inadmissivel nesta época de arrebatado progresso.

Importa somenos que existam homens de uma moralidade excelsa e de nula cultura, bem como outros de cultura aprimorada e de uma moral aviltante: são meras excepções que não ofuscam a generalidade.

O palácio para a moral da alma humana só encontrará sólido alicerce numa instrução segura e experimental.

rou uma certo onda de revolta contra preconceitos que se sentem tremer nas suas bases.

Interpretá-la e segui-la demanda a comparação dos sentimentos dos homens, a análise do carácter dos povos e exige até que se prescutem os próprios designios da História.

Cobremos ânimo caros colegas; tomemos alento, professores primários portugueses e das agruras da nossa situação mesquinha, do abandono do poder façamos o orgulho de sermos os obreiros desta sagrada cruzada: ensinar êsse «maravilhoso alfabeto em que se estratifica a noticia dos acontecimentos e se arquiva a opinião dos homens».

Sob o ponto de vista da sua realização — relevem-me V. Ex.as, senhores Inspectores, a franqueza — a questão está mais em estudarmo-nos e conhecer das nossas caracteristicas do que na aplicação de teorias exóticas.

Aproveitemos as virtudes e expurguemos o ensino de vicios condenáveis.

Num pais encantador como o nosso o scenário escolar proporciona-se em qualquer ponto. Ensinemos a criança a amar a natureza na grandiosidade das suas criações e na exuberância das suas produções; a trabalhar no seu solo, no cristal das suas águas e no próprio ar aromatizado do perfume delicioso de tantas flores.

Convençamo-la de que tudo o que possuimos desde a choupaninha do humilde pastor ao palácio suntuoso do opulento; desde o remoto casal à deslumbrante cidade; do gemente carro de bois ao avião; desde o aproveitamento das águas do ribeirinho cantante às do mar imenso; escolas e oficinas; escritórios e armazens; Universidades e igrejas; jardins e terrenos cultivados são a obra bendita da solidariedade no esfôrço e o somário maravilhoso da cooperação no trabalho.

Sugerir-lhe que todos devemos trabalhar para restaurar obras desfeitas e ruínas do passado; reparar desastres originados em cataclismos de qualquer natureza; que urge que todos colaborem na obra abençoada de reaver tezouros preciosos e de promover o aumento do património cumum.

Inspire-se-lhe patriòticamente que às instituições por que nos regemos são indispensáveis filhos que as depurem e melhorem e sempre as dignifiquem aos olhos da nação; sob o ponto de vista da bem entendida liberdade, de plena tolerância em matéria de sciência, filosofia, politica e religião.

Uma vaga enorme de ideias subversivas e revolucionárias, anárquicas e dissolventes alastra velozmente sôbre todos os paises civilizados. Subreticiamente se vem infiltrando envolvida de umas aparências fascinantes; mas intrinsecamente só conteem mentiras que estonteiam os espiritos e êrros que conduzem à desventura.

Cautela, colegas!

Erro será glorificar crimes com uma aviltante cumplicidade ou admitir licenciosidades que mascaram vicios.

As qualidades e virtudes natas de um povo, empanadas embora de defeitos inerentes não se transformam de um jacto; transformam-se pela natural e regular evolução das grandes e nobres ideias; sob o império benéfico de uma instrução educativa racional, inteligente e lógica, que foi, e será sempre, a alavanca potentissima do ressurgir de uma raça.

*

Ex.ma Senhora:

Nos arraiais dos beneméritos da instrução popular rebrilha uma estrêla de primeira grandeza — o Conde de Ferreira; e digno de especial registo e louvor — o Conde de Agrolongo.

Aqui e alem tem aparecido lampejos de benemerência com o mesmo carácter; e esta escola inaugurada agora é mais uma estrêla a refulgir nessa constelação brilhante; Bençãos sôbre V. Ex.ª como doadora; e honras da Pátria ao seu patrono.

Tenho dito.

*

Aplaudimo-lo com alma.

O sr. reitor de Urgezes leu em seguida uma breves palavras adequadas ao acto.

Falou então, com aquela eloqüência que lhe é tão peculiar, o sr. Dr. Eduardo de Almeida. Foi um improviso feliz como todos os seus improvisos. Disse haver duas coisas muito dificeis de compreender: *a arte de ser rico e a arte de ser pobre*. Enalteceu, em suma, o gesto da senhora D. Maria Felicidade dos Santos Simões, que foi eleita Sócia Honorária da Sociedade Martins Sarmento. O sr. Dr. Eduardo de Almeida foi clamorosamente ovacionado.

Falou também o sr. padre Gaspar Roriz, amigo íntimo do saüdoso e grande homem de bem Francisco dos Santos Guimarães, figura de alto relêvo moral e intelectual.

O sr. Augusto Gomes de Oliveira leu a seguinte carta do sr. Abel Cardoso, Director da Escola «Francisco de Holanda»:

Meu estimado amigo — Na impossibilidade absoluta, por inesperados afazeres, de assistir, como era do meu máximo desejo, ao acto inaugural da Escola «Francisco dos Santos Guimarães», para o qual tive a elevada honra de ser convidado na minha qualidade de humilde director da Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda», venho solicitar do meu Dig.mo Colega e bom amigo, Ex.mo Snr. Mário Menezes, a especial fineza de me representar naquele acto solene, tam grato e salutar para o meu espírito.

Desejo ainda, que, em meu nome, o meu Excelentissimo Amigo procure a melhor oportunidade de manifestar a essa Senhora admirável, a ilustre doadora da joia preciosa, do inestimável folar que nesta Páscoa abençoada oferece aos pobres da sua freguesia, a minha veneração pela nobreza dos seus sentimentos, pela generosidade do seu coração exemplar, por todas essas qualidades, em suma, que a colocam em um nível de superioridade excepcional, tornando-a merecedora da maior gratidão de todos quantos do seu gesto magnífico vão colher os melhores frutos.

Vê-se bem que a alma do saüdoso patrono da Escola de Urgeses paira, com desvelado carinho, sôbre a terra que o viu nascer.

Verifica-se claramente, que a luz do seu espirito de eleição, superior e culto, jàmais a abandonará: ela vai brilhar no cérebro dos pequeninos alunos da sua Escola, iluminando-os em breve num clarão intenso e imperecível.

Como todos nessa festa, notável sob vários aspectos, se devem sentir felizes, e como me penaliza não poder a ela assistir, gozando dessa felicidade! Paciência.

*

Peço ao meu Ex.mo amigo se digne apresentar, com as minhas desculpas, as mais vivas saüdações e os meus maiores agradecimentos à Ex.ma Senhora D. Maria Felicidade dos Santos Guimarães, por cuja saúde preciosa, faço sinceros votos.

Por tudo, muito grato o amigo e colega

*Abel Cardozo.*

A terminar a sessão, foram descerrados os quadros do Benemérito Francisco dos Santos Guimarães e de sua querida irmã, senhora D. Maria Felicidade dos Santos Simões, por duas encantadoras crianças que em seguida nos deliciaram com alguns recitativos originais. Chamam-se elas: Ana Menezes, afilhada do Patrono da Escola, e José Menezes, afilhado da doadora. São filhinhos do nosso amigo e colaborador, sr. Mário Menezes. Aqui lhes exaramos os parabens sinceros.

O sr. Capitão Pôças encerrou — após isto — a sessão.

Foi então servido um *lunch* a numerosas crianças da Escola, um *lunch* fraternal a que assistimos com satisfação.

Dava gôsto vêr a alegria daquelas crianças.

Mas que alegria a delas!

Feito isto, ofereceu a senhora D. Maria Felicidade dos Santos Simões um banquete aos convidados. Choveram os brindes na *hora do champagne*. Todos nos agradaram. Alguns gracejos com piada.

O nosso amigo Américo Ferreira não faltou com o *kodak*.

A festa decorreu animada, feliz, recreativa. Finda ela, retiraram as entidades oficiais.

E agora, duas palavras, sòmente, por não servirmos para panegerista:

A senhora D. Maria Felicidade dos Santos Simões é uma grande alma. Seguiu a obra de seu irmão e deu um exemplo profundo à gente rica, que antes quere fazer... moda.

Esta senhora fêz uma Escola para os pobresinhos.

E' tão lindo fazer bem!

E agora, que estamos a terminar estes rápidos apontamentos, registemos aqui o nome do sr. Viriato de Almeida, um dos Inspectores da nossa Região-Escolar, que prima pelo zêlo e competência profissional. S. Ex.ª, que foi convidado a assistir com o sr. Oliveira, Inspector-chefe, à inauguração da Escola, deliciou-nos com alguns brindes no decorrer do banquete.

## Olhando para trás...

Subamos a um mirante e disfrutemos um pouco do panorama que se estende em volta. Há muita ruína espalhada pelos monumentos e, nas comissuras dos destroços, medram os musgos. Só êstes seres parasitásios se abeiram dos rochedos para lhes estender o abraço interesseiro que os avigora contra as tempestades. O musgo é um chichisbeu da ruína que tem estampada na face uma negrura ominosa. O seu apêgo é triste. E o colóquio denota uma velhice nervosa...

.....

Há porventura um equívoco na opinião que certos *janotas* têm de nós em presença do passado.

Um equivoco apenas! A verdade é que o passado pertence à História e nada há nêle que nos empolgue sèriamente a ponto de reeditá-lo.

Admiramos as civilizações de outrora, mas achamos esta superior e lutamos para construir outra melhor.

Os monumentos erguem-se túmidos de belas recordações. Imprime-se-lhes nos granitos uma série de poemas que o vulgo desconhece. São oradores que falam aos tempos uma linguagem muito sua, uma linguagem em cujo segrêdo não penetrou ainda a sciência dos gramáticos.

Mas, nos granitos há também umas longínquas efemérides que revelam episódios sangrentos e atestam a sua impunidade. Em cada castelo há um ergástulo e *ferros justiceiros*: eram para oprimir os fracos. A História tomou-lhes os depoimentos e instaurou processos. Debalde lhes fizeram a defesa os mais arrebatados jurisconsultos. Porque as testemunhas choviam nas horas solenes dos veredictos.

Eis aí porque o passado também tem muito que lamentar. E' que se apoiava sôbre a iniqüidade. E, se gerou heróis, foi por outro lado assás prolixo na criação vêsga de certos abôrtos que ainda hoje têm representantes.

O passado pertence à História. Nós gostamos de estudá-lo para simples ensinamento... mas um ensinamento diverso do daquele que lá colhem os *legitimistas*: êstes querem regressar a êle e nós procuramos enaltecer os heróis de *verdad* sob alguns aspectos; mas evitando simultâneamente que a sociedade enferme do ambiente em que viveram.

.....

Há tradições que prepetuam narrativas atravez dos séculos. Poderoso auxiliar da História, têm uma rijeza bem maior que os pergaminhos. O tempo carcome e destrói os pergaminhos; as tradições sofrem-lhe a alteração do colorido e, quantas vezes... a deturpação dos dizeres.

Os tais *janotas* são tradicionalistas e apontam-nos como inimigos da tradição.

Mero engano! A tradição é para nós um livro muito espesso onde lemos tudo: o bom e o mau. Para êles é um escudo; para nós um compilado de lições. Eles, seguindo os seus caminhos tradicionais, procuram conduzir as gentes a um estado de coisas muito velho, embora com requintes de modernismo exterior. E' o mesmo que enfarpelar um octógenário no aprimorado fato de um dandi. O velho usa uma roupa de bom corte; mas falta-lhe o aprumo da gente môça E o mais que consegue — em tal hipótese — é tornar-se ridículo.

Nós, conhecendo o passado tão bem ou melhor do que os tradicionalistas, caminhamos à procura de melhor: o futuro. O passado morreu. Dêle só a memória para estudo das evoluções soctais.

Havemos de dizer mais coisas...—*D. B.*

## Para o nosso arquivo

Em Coimbra, sua excelência o Ministro do Interior declarou, há dias, «que o actual Govêrno está trabalhando para se transitar para a normalidade, ambicionada por todos». Registamos mais esta revelação de sua ex.ª, mas não nos parece que *todos* ambicionem o regresso à normalidade. Que nós, os republicanos de verdade, os republicanos sinceros e honestos desejamos a normalidade, ninguém o poderá duvidar, mas outro tanto não sucede com os inimigos da República — os maus monárquicos e os maus republicanos — uns e outros inimigos também da ordem, da paz e da união da familia republicana, que são os principais factores da tal normalidade. Se não, vejamos: Quando se fala em paz, em constitucionalidade, etc. quais são os do lado contrário? São, nem mais nem menos, os maus monárquicos e os maus republicanos, aqueles que não se sentem bem nem dentro da Constituição nem dentro da esfera da paz. E' êste o motivo em virtude do qual não nos parece que *todos* ambicionem a normalidade. Porém, antes nós nos enganemos do que o Senhor Ministro do Interior.

## Entre nós

A passar as festas da Páscoa com a sua estimada familia, estiveram em Guimarães os nossos amigos e indefectíveis republicanos, srs. Lino Teixeira de Carvalho, importante capitalista e comerciante da capital, e seu irmão Francisco Teixeira de Carvalho, também considerado comerciante na cidade do Pôrto.

— De visita a sua mãe, vimos, igualmente nesta cidade, o ilustre médico-radiologista, sr. dr. Roberto de Carvalho.

## A MULHER EMANCIPA-SE

Nós rendemos ao feminismo o preito merecido. Para nós, a mulher não é só a companheira íntima do homem. E' também a sua competidora no acesso as regalias ou penas da humanidade. Já tivemos ocasião de expor esta opinião. A mulher tem um cérebro cujas faculdades podem adestrar-se, nos manejos intelectuais, com tanta vivificação como as geralmente conhecidas no do homem. Os factos vem provando pròdigamente a verdade justiceira destas palavras. Vem provando que há nelas as concepções evolutivas que agitam, atraves dos séculos, as multidões. Mostram-nos que ela se deixa arrastar por aquele verbo rubro que fez de cada homem um revoltado.

Por mero oportunismo, referimo-nos especialmente à mulher espanhola, que nos últimos tempos trava renhida luta com a fôrça armada. Enfileira ao lado do homem na disputa social.

Não faltará em Portugal quem, eivado daquele nanismo deplorável que faz degenerar as raças, reprove essa atitude. Há por cá muita pequenez mental. E se atilarmos pelo que dizem certos vozeirões, a nossa raça está num momento de crise.

De crise moral.

Porque nos é já familiar a usança, por êsse País fora, de todos os meios para enfeixar as mulheres no recinto da *santa* estupidez.

Nota-se uma sanha feroz nêsse intuito sinistro. Mãos ocultas trabalham activamente dentro das roupetas. Apertam todos os travões para conter, pregado ao solo bruto, os movimentos impulsivos da sociedade.

*Gente odiosa! Aves noturnas!*

Havemos de fazer luz sôbre muito mistério. O micróbio das trevas anda desperdicando vidas, forçosamente; e, então, será interdito o mau-direito de andar a emporcalhar os cérebros femininos com tantas asnices acumuladas.

A mulher, arpoada pelas garras negras dos bôbos, passa pelo mundo sem despertar do sono que a escravisa. Adensa-se à volta dela uma nebulose sombria, uma nebulose espessa, uma nebulose opaca. A mulher é assim a formosa, ingénua e pura, vítima do misticismo que a espesinha.

E' assim como *êles* a querem. E nós, que vimos estudando êste fenómeno com particular interesse, chegamos a pasmar de indignação. Pois não bastaram tantos anos de sofrimento para atirar com os charlatães para a lama de onde vieram?

Não bastaram. E êles são desconhecidos, monstruosos, nas suas típicas atitudes. Afervoram a diligência sofregamente, insaciavelmente. E' o ressurgimento das bacanais que êles procuram para prégar moralidade...

Não obstante êsse entrave doloroso, o feminismo marcha soberanamente derrubando, na sua passagem, os impecilhos que encontra na estrada triunfal. Saboreamos com delícias a sua vitória porque reconhecemos que só uma consciente cidadã pode ser uma excelente mãe.

A Democracia necessita de esforço colectivo de todas as mães, para *depuramento sociológico* da infância.

Será formoso ensinar aos petizes uma doutrina diferente da que ora se ensina; será ideal que as crianças assimilem um outro catecismo: *o concebido sob a Trilogia social.*

A mulher emancipa-se; eis o estribilho sonoro que anda hoje tanto em voga. Emancipa-se da servidão em que vivera. Ninguém ignora, compulsando a história antiga, que a descendente de Eva não chegava a formar, com raras excepções, um sêr numérico no seio da humanidade. Era apenas o instrumento de que o homem se servia para o gôso, repudiando-o com nojo, em seguida. Era o objecto de que êle dispunha, a seu bel-prazer, como de simples mercadoria.

Não significava coisa alguma nas sociedades bárbaras. Havia, quando muito, as paixonetas do estilo, motivadas pelo desejo insofrido da posse. Era, então, a mulher, já a morraca de muitas questiúnculas. Mas, daí a ser considerada alguém, levou séculos.

Levou séculos de luta, porque os corvos de todos os tempos a incensaram persistentemente para lhe amolentar a vontade; porque a narcotisaram em todos os momentos de clara visão.

Levou séculos de luta.

E hoje, que a mulher vem marcando com nitidez a sua independência, surgem outra vez as ferozes camarilhas a injectar-lhe narcótico. A história repete-se e — neste pormenor — com requintes de absoluta exactidão.

A mulher emancipa-se, apesar disso. E' uma das bôas esperanças das Democracias.

— Que tem sido, afinal, toda a luta da humanidade, senão a marcha, mais ou menos veloz, para a Democracia Universal?

O nosso caminho estava traçado. O desejo de perfeição é um estímulo vibrante do futuro que não tememos. E a mulher já não é a serva automática dos homens. E' a sua infatigável colaboradora na grandiosa obra de renovação. A mulher, todas as mulheres, hão-de acabar por abraçar consciente e fraternalmente as Repúblicas que são — no fim de contas — a garantia de seus filhos.

E a nossa querida República terá na mulher portuguêsa o seu legítimo apoio. *O feminismo marcha:* mas, é conveninte não meter das paradas clericais. Porque há muitos aurorinhas negros que usam saias.

*Frutos do tempo!*

XYZ.

## Registamos

Há dias, deu-se um episódio singular que nos merece um justo aplauso. O sr. Frutuoso Simões, nosso correligionário, havia perdido, na Estação dos Correios e Telegrafos, *uma nota de mil escudos.*

Fôra encontrada pelo estudante da nossa Escola Industrial e Comercial, sr. António Teixeira Mendes.

Como o sr. Frutuoso andava lamentosamente a procura-la, o que o rapaz notou, houve entre os dois uma troca de impressões sobre o estado da deterioração do documento. Findo isto, o estudante devolveu-lha com a máxima naturalidade.

Muito bem. O gesto revela bons alicerces.

O rapaz é filho do nosso correligionário e amigo, sr. Boaventura Guimarães, e está empregado na Tabacaria e Livraria L. Oliveira & C.ª

### Abel de Vasconcelos Cardozo

Motivada por uma tona de laranja, deu, há dias, uma queda na rua Elias Garcia o sr. Abel de Vasconcelos Cardozo, nosso valioso correligionário e ilustre professor e Director da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda.

Felizmente, a queda não teve, para Sua Ex.ª, conseqüências graves.

Cabe aqui um protesto contra a má fiscalisação das ruas, onde todos se acham no direito de despejar imundicies.

Lamentamos o ocorrido.

## CÓNEGO JOSÉ MARIA GOMES

O brilhante Jornalista João Paulo Freire, nas suas «Várias Notas» do «Jornal de Notícias», dizia há dias, referindo-se à homenagem que os antigos alunos do Seminário-Liceu de Guimarães tencionam levar a efeito, na próxima quinta-feira, 16 de Abril, à memória dos saüdosos Professores Drs. Manuel Pimenta e Pedro Gonçalves Sanches, que esta mesma homenagem devia abranger todos os demais Professores, e em especial ao Cónego José Maria Gomes que foi, sem favor, um dos mais brilhantes ornamentos do Ensino vimaranense.

Nada mais justo, nada mais humano.

Qual é o vimaranense que desconheça êste homem, que foi além do mais, deputado republicano pelo círculo de Guimarães?

Que exerceu interinamente o honroso cargo de Juíz substituto?

Que ao seu nome deixou ligado ditos de espírito que hoje são contados com certa graça e bom humor?

Como Professor não sou eu, que nunca foi meu Mestre, que descreva as suas excelsas qualidades, mas sim aqueles que tiveram o dom de ouvir os seus conselhos e ensinamentos como se fôra um Profeta, e êstes hoje, decorridos alguns anos não perdem ensejo de falar com respeito no Grande Mestre.

Que mais pois é preciso para se homenagear a memória do venerando Morto?

Será, talvez, por ter passado despercebido à Comissão Organizadora o seu respeitado e honrado nome?

Aqui ficam estas preguntas que desejava que me ilucidassem.

Enfim, se ainda é tempo de arripiar caminho, bom seria que se não olvidasse Alguém que Guiela muito trabalhou.

*Arnaldo de Sousa Lôbo.*

## Câmara Municipal

**Sessão de 1 de Abril**

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

*Balanço.* — Ficou inteirada do Balanço dado pelo tesoureiro relativo à semana finda em 28 de Março, acusando os seguintes saldos:

| | |
|---|---|
| Em depósito na Caixa Económica Portuguesa . . . | 102.000$00 |
| Existente em dinheiro no cofre. . | 4 816$64 |
| Total... | 106.816$64 |

*Ofícios:* — Da Associação dos Bombeiros V. de Cascais, agradecendo a forma como os delegados daquela Associação foram recebidos nesta cidade.

Da Secretaria Geral dos Hospitais Civis de Lisboa.

Da doadora da Escola Francisco dos Santos Guimarães, convidando a assistir à inauguração da referida escola.

Da Junta de Freguesia de Infantas, acêrca da construção de um novo cemitério.

Fôram deferidos vários requerimentos e aprovadas algumas propóstas.

*6.º orçamento suplementar.* — Pelo vice-presidente em exercício foi apresentado o 6.º orçamento suplementar e despeza do corrente ano económico de 1930 a 1931, importando a receita em 87.460$00 e a despeza em igual quantia que elaborou nos precisos termos da Lei. Lido e discutido foi o mesmo aprovado.

Deliberou fazer sciente a Direcção da Associação Comercial e Industrial, de que tendo terminado no último dia de Março próximo passado o praso para a entrada, na Tesouraria Municipal, dos 150 000$00 com que, por proposta da referida Direcção, as industrias textis acordaram com a Comissão Administrativa contribuir para as receitas municipais, ainda até agora grande parte dessa quantia não foi paga.

Aprovou o projecto de regularização do transito, mandando-o pôr em execussão.

Deliberou prolongar por mais 15 dias o praso para o pagamento da taxa de licença de comércio e indústria.

# ELA

(A uma gentil desconhecida)

Havia muita coisa nêsse dia
Que me afagava imenso o coração...
Uma esperança vaga, uma ilusão
Andava no peito em rebeldia.

Louco de amor, sonhava e... não dormia,
Sentia em mim não sei que agitação
Tão grande, tão profunda era a emoção
Que esboçava tristezas de alegria.

Eu ia vê-la enfim numa entrevista
E, como tinha sonhos de egoísta,
De todos receava, tinha mêdo

Que alguém, podendo lêr-me os alfarrábios,
Ouvisse a melopeia dos seus lábios
E descobrisse ao mundo o meu segrêdo

D.

### PEQUENA IMPRENSA E IMPRENSA REGIONAL

**O seu sindicato**

Já sobre isto se pronunciou quasi toda a imprensa da província. Neste momento de lutas de Sindicato de Imprensa — seja qual fôr o seu caracter — afigura-se-nos uma empreza com os seus *prós e contras.*

E' caso para ponderar.

Achamos simpática a intenção dos que pretendem alentar os *obscuros pioneiros* da pequena Imprensa.

Achamos bem. Mas a «Velha Guarda», *sobretudo pelo seu caracter acentuadamente político — embora regional também*, não pode desde já ligar-se a essa ideia. Achamos bem. Mas em momento mais oportuno, decidirêmos.

### «A Velha Guarda»

Devido à reportagem da Escola de Urgezes, e porque dedicamos aos professores primários grande parte dêste seu número, «A Velha Guarda» não traz hoje a página dos anúncios.

Pedimos desculpa.

### Major Miguel Ferreira

Este brioso soldado da Democracia completou, no passado dia 6, mais um aniversário natalício da sua preciosa existência.

«A Velha Guarda» apresenta a Sua Ex.ª muitas felicitações.

### Teatro Gil Vicente

Nas últimas sessões foram passados no écran dêste teatro alguns filmes de autêntico valor. «Linha Geral» — produção russa da vida evolutiva do camponês — marcou.

«Poema Macabro» — realização fantástica-aventurosa — deixou os espectadores profundamente impressionados.

«O Desertor» — episódio formoso da Grande Guerra — foi um filme de escolha muito acertada para a sessão de 9 de Abril.

Muito bem.

### Bombeiros Voluntários de Cascais

O sr. Joaquim Teotónio Segurado, ilustre Comandante desta benemérita agremiação, enviou-nos um oficio de agradecimento às referências que haviamos feito à briosa delegação dos Bombeiros de Cascais.

Comunica-nos Sua Ex.ª que na sessão de 25 de Março fôra exarado um voto de agradecimento em nosso louvor.

Agradecemos.

### Fosforeira Portuguesa

Recebemos algumas caixinhas de fósforos desta importante fábrica produtora que tem as suas instalações em Espinho. Estas caixinhas de fósforos, que tem a marca «Portugueses», reproduzem a cores o nosso castelo com a figura em alto relêvo de D. Afonso Henriques — seu patrono.

Registamos o facto como vimaranenses e agradecemos as amostras.

### Faleceu

O sr. Domingos Marques, comerciante do Largo Prior do Crato, que era um dos maiores amigos da Penha.

Era um homem honrado. O extinto era o único comerciante que cumpria a Lei das oito horas de trabalho.

Sentimentos à família, especialmente ao sr. Amadeu de Almeida, nosso amigo e indefectível republicano.

### AVISO

Por circular recebida na secção administrativa da Câmara, as fábricas não matriculadas, existentes neste concelho, são obrigadas a ter a sua escrita montada do mesmo modo que as matriculadas, nos livros estabelecidos pelo Decreto 10.145 de 30-9-1924, ficando, desde já, avisados os seus donos de que no dia 15 do mez de Maio começará a proceder-se ás infracções das referidas escritas desses estabelecimentos, sendo nas fábricas que produzam farinha em rama feita nos três primeiros livros mencionados no art.º 1.º do referido Decreto. Estas fábricas são aquelas cujos maquinismos sejam accionados por motor.

**Manuel A. F. Callada & C.ª Limitada**

Esta firma, com sede no Largo do Corpo Santo — em Lisboa, vende drogas, tintas, vernizes, produtos químicos e perfumaria.

Agradecemos o calendário-brinde.

**FERNANDO AYRES**
**ADVOGADO**
**Escritório junto á Conservatória**